

·UMA·VINDICAÇÃO·
·DOS·DIREITOS·
·DA·MULHER·

Mary Wollstonecraft

CHEGOU O MOMENTO DE LEVAR A CABO
UMA REVOLUÇÃO
NO COMPORTAMENTO DAS MULHERES;
ESTÁ NA ALTURA
DE RESTAURAR A SUA DIGNIDADE
PERDIDA

PENGUIN CLÁSSICOS
Great Ideas

Índice

Introdução	7
Discussão da opinião geral acerca do caráter dos sexos	15
Continuação do mesmo tema	49
Observações sobre a degradação a que é reduzida a mulher, por várias causas	69
A moral debilitada por noções sexuais da importância da boa reputação	99
Efeitos perniciosos das distinções antinaturais estabelecidas em sociedade	107
Acerca da educação nacional	125
Algumas instâncias da insensatez gerada pela ignorância das mulheres, com reflexões finais acerca do desenvolvimento moral naturalmente expectável como resultado de uma revolução dos modos femininos	135

Introdução

Tendo considerado as páginas da História e observado com ansiosa solicitude o mundo da experiência, a mais melancólica emoção de pesada indignação deprimiu o meu espírito, e é com um suspiro que me vejo obrigada a confessar que ou a natureza criou uma grande diferença entre o homem e a mulher ou a civilização até agora existente no mundo tem sido muito injusta. Li atentamente vários livros escritos acerca da educação e observei pacientemente a conduta dos pais e a gestão das escolas. E qual foi o resultado? Uma profunda convicção de que a negligência da educação das criaturas minhas irmãs é a maior causa da miséria que tanto deploro; e que as mulheres, em particular, são enfraquecidas e desgraçadas por uma variedade de causas em conjunto, com origem em uma só precipitada conclusão. A conduta e os modos das mulheres provam, de forma evidente, que as suas mentes não estão sãs, pois, tal como as flores plantadas num solo demasiado fértil, a sua força e utilidade são sacrificadas à beleza;

e a ostensiva folhagem, depois de terem agradado a um rigoroso olhar, esmorece, desprezada no caule, muito antes de chegada a estação da sua maturidade. Uma causa desta floração estéril, atribuo-a a um falso sistema educativo, edificado com base em livros escritos por homens que, considerando as fêmeas como mulheres mais do que criaturas humanas, se preocuparam mais em fazer delas amantes apetecíveis do que esposas carinhosas e mães racionais; e a compreensão deste sexo tem sido de tal modo turvada por esta falaciosa homenagem que as mulheres civilizadas deste século, salvo escasas exceções, não desejam mais do que inspirar amor, quando deveriam cultivar uma ambição mais nobre, e, pelas suas competências e virtudes, impor respeito.

Deste modo, num tratado sobre direitos e modos femininos, os livros escritos tendo particularmente em vista o desenvolvimento das mulheres não devem ser postos de parte. Sobretudo quando afirmam diretamente que as mentes das mulheres são enfraquecidas pelo falso primor; que os livros de instrução escritos por homens de génio têm seguido a mesma tendência que as produções mais frívolas; e que, ao estilo do mais autêntico maometismo, são tratadas como uma sorte de seres subordinados, e não como parte da espécie humana, quando se concede que a razão, passível de ser aperfeiçoada, é a digna distinção que eleva o homem acima das brutas criaturas, depositando numa frágil mão um cetro natural.

E contudo, por ser mulher, não quero que os meus leitores suponham que tenciono agitar violentamente a disputada questão da igualdade ou inferioridade

do meu sexo; mas, como o tema se encontra no meu caminho, e não posso passar por ele sem sujeitar a engano o principal do meu raciocínio, farei uma pausa para dar, em poucas palavras, a minha opinião. No governo do mundo físico, observamos que a fêmea é, no que diz respeito à força, geralmente inferior ao macho. Essa é a lei da natureza e não parece ser suspensão ou revogada em favor da mulher. Não se pode, portanto, negar um grau de superioridade física — e é uma nobre prerrogativa! Contudo, não satisfeitos com esta preeminência natural, os homens esforçam-se por nos degradar mais ainda, para fazer de nós meros objetos de efêmera atração; e as mulheres, intoxicadas pela adoração que os homens, sob influência dos seus sentidos, lhes conferem, não procuram obter o interesse constante dos seus corações ou tornar-se amigas destas criaturas suas iguais, que tanto se comprazem na sua companhia.

Apercebo-me de uma inferência evidente: de todos os lados ouço reclamar contra as mulheres masculinas. Mas onde se encontram elas? Se é intenção dos homens protestar, com esta designação, contra o ardor delas pela caça, pelo jogo e pelas armas, de bom grado me juntarei a esse protesto. Mas, se for contra a imitação de virtudes masculinas ou, para ser mais precisa, contra a posse desses talentos e virtudes cujo exercício dignifica o caráter humano e eleva as fêmeas na escala dos seres animais, sendo então englobadas na designação mais ampla de humanidade — então qualquer pessoa que observe o assunto com um olhar filosófico deverá desejar comigo que as mulheres se tornem cada vez mais masculinas.

Esta discussão divide naturalmente o tema. Começarei por considerar as mulheres à nobre luz de criaturas humanas que, junto com os homens, foram postas nesta terra para desenvolver as suas faculdades; e, em seguida, irei destacar em maior detalhe a sua particular designação.

Quero evitar o erro cometido por muitos respeitáveis escritores, pois a instrução até agora dada às mulheres tem sido dirigida a *senhoras*, com exceção dos escasos conselhos indiretos dispersos por Sanford e Merton; mas, dirigindo-me num tom mais firme ao meu sexo, presto particular atenção às mulheres de estatuto social mediano, pois parecem existir no mais natural dos estados. É possível que as sementes da falsidade, da imoralidade e da vaidade tenham sido desde sempre espalhadas por aqueles que ocupam as mais elevadas posições sociais. Seres fracos e artificiais, elevados, de modo prematuro e antinatural, acima dos desejos e afetos comuns da sua raça, corrompem os alicerces mesmos da virtude e espalham por todo o tecido social a corrupção! Enquanto classe humana, são os que mais dó merecem; a educação dos ricos tende a torná-los arrogantes e desamparados, e as suas mentes em desenvolvimento não são fortalecidas pela prática dos deveres que dignificam o caráter humano. Não vivem senão para se divertir, e pela mesma lei que, na natureza, produz inevitavelmente certos efeitos, ficam rapidamente limitados a estéreis divertimentos.

Mas, como me proponho observar separadamente as diferentes classes da sociedade, e o caráter moral das mulheres de cada uma, esta insinuação, por enquanto,

bastará; e não fiz mais do que uma alusão ao assunto por me parecer ser da essência de uma introdução fazer um breve relato do conteúdo da obra introduzida.

Espero que o meu próprio sexo me perdoe por me dirigir a elas como criaturas racionais, em vez de elogiar as suas *fascinantes* graças e de as tratar como se se encontrassem num estado de infância perpétua, incapazes de existir por si só. Desejo ardentemente apontar em que consiste a verdadeira dignidade e felicidade humanas — desejo persuadir as mulheres a esforçar-se por adquirir força, tanto mental como física, e convencê-las de que palavras delicadas, corações suscetíveis, sentimentos delicados e gostos refinados são quase sinónimos de epítetos de fraqueza, e que os seres que mais não sejam que objetos da comiseração e daquele amor a que se chamou irmão desse sentimento se tornam rapidamente objetos de desprezo.

Dispensando, então, aquelas bonitas frases femininas que os homens tão condescendentemente usam para suavizar a nossa servil dependência e desprezando a fraca elegância da mente, a sensibilidade refinada e a doce brandura de modos que são as características sexuais atribuídas à mais fraca criatura, desejo demonstrar que a elegância é inferior à virtude, que o primeiro dos objetos de admirável ambição é a obtenção de um caráter enquanto ser humano, independentemente da distinção de sexo, e que os pontos de vista acessórios devem ser submetidos a este simples crivo.

Este é um esboço do meu plano, e se exprimir a minha convicção com as vivas emoções que sinto sempre que pondero o assunto, alguns dos meus leitores

não deixarão de sentir os ditames da experiência e da reflexão. Animada por este objeto tão importante, recusar-me-ei a apurar as minhas frases ou a polir o meu estilo. O meu propósito é a utilidade, e a sinceridade irá barrar-me a afetação; pois, desejando persuadir pela força dos meus argumentos mais do que encantar pela elegância da minha linguagem, não gastarei tempo a esculpir frases ou a fabricar a túrgida pompa do sensacionalismo, que, oriundo da cabeça, nunca chega ao coração. Ocupar-me-ei de coisas, e não de palavras! E, ansiosa por fazer dos elementos do meu sexo membros mais respeitáveis da sociedade, tentarei evitar a dicção floreada que passou do ensaio para o romance, e do romance para a correspondência e para a conversação correntes.

Estes bonitos superlativos que escorrem, loquazes, da língua viciam o gosto e criam uma espécie de delicadeza dolente que volta as costas à verdade simples e crua; e uma enchente de falsos sentimentos e emoções exacerbadas, asfixiando as impressões naturais do coração, torna insípido o prazer doméstico que deveria adoçar o exercício daqueles severos deveres que educam o ser racional e imortal para um campo de ação mais nobre.

A educação das mulheres tem recebido, recentemente, mais atenção do que outrora; contudo, elas são ainda consideradas um sexo frívolo e ridicularizadas ou lamentadas pelos escritores, que, seja através da sátira ou da instrução, as tentam aperfeiçoar. É sabido que passam muitos dos seus primeiros anos de vida a acumular escassas habilidades; entretanto, a sua força física e moral é sacrificada às noções libertinas de beleza e ao

desejo de se estabelecerem — sendo a única forma que a mulher tem ao seu alcance de progredir no mundo — através do casamento. E, sendo que este desejo faz delas meros animais, quando se casam comportam-se como seria de esperar que tais crianças se comportassem: adornam-se com roupa e pintura e dão alcunhas às criaturinhas de Deus. Sem dúvida que tão fracas criaturas não são dignas de mais do que um serralho! Poderá esperar-se delas que governem uma família com discernimento ou que consigam sequer cuidar das pobres crianças que trazem ao mundo?

Se pudermos, então, deduzir da presente conduta deste sexo e do seu gosto vigente pelo prazer (que toma o lugar da ambição e das paixões mais nobres que trazem à alma abertura e amplitude) que a instrução que as mulheres até agora receberam serviu apenas, em conjunto com a constituição da sociedade civil, para fazer delas insignificantes objetos de desejo — meras propagadoras de tolos! E, se pudermos provar que, ao tentar levar as mulheres a conquistar as suas habilidades sem cultivar a razão, elas são retiradas da sua esfera de deveres e tornadas ridículas e inúteis quando o fulgor da beleza se desvanece, suponho que os homens racionais me perdoarão se as tentar persuadir a tornarem-se mais masculinas e respeitáveis.

O certo é que a palavra «masculina» não passa de um papão; há pouco motivo para temer que as mulheres adquiram demasiada coragem ou determinação, pois a sua aparente inferioridade, em termos de força física, torna-as, seja de que modo for, dependentes dos homens nas várias relações da vida. Mas porque haveria esta

dependência de ser agravada por preconceitos que atribuem um sexo à virtude e disfarçam simples verdades com devaneios sensuais?

De facto, as mulheres são de tal modo degradadas com falsas noções da excelência feminina que não é com a intenção de criar um paradoxo que afirmo que esta fraqueza artificial resulta numa propensão para a tirania e dá azo ao hábito da astúcia, a inimiga natural da força, o que leva as mulheres a jogar com aqueles desprezíveis trejeitos infantis que aviltam a estima mesmo enquanto estimulam o desejo. Que os homens se tornem mais castos e modestos; e, se as mulheres se não tornarem em igual proporção mais sensatas, ficará então claro que são mais fracas de razão. Nem deveria ser necessário acrescentar que estou a falar do sexo em geral. Muitas são as mulheres individuais que possuem mais bom senso do que os seus parentes homens; e como, onde quer que exista uma luta por equilíbrio, nada prepondera sem que possua mais gravidade, algumas mulheres governam os maridos sem se degradarem, pois será sempre o intelecto a governar.

Discussão da opinião geral acerca do caráter dos sexos

Com o fim de justificar e desculpar a tirania do homem, têm sido invocados diversos argumentos engenhosos com vista a provar que, no que diz respeito à aquisição da virtude, os dois sexos deveriam almejar a obtenção de caracteres muito diferentes; ou, para ser mais explícita, que às mulheres não é permitido serem detentoras de uma mente suficientemente forte para a aquisição daquilo que mereceria o nome de virtude. Mas parece evidente que, partindo do princípio de que as mulheres são dotadas de alma, só há um caminho destinado pela Providência a conduzir a humanidade na direção da virtude e da felicidade.

Se as mulheres são, então, mais do que um mero bando de coquetes a jogar com trivialidades, porque haveriam de ser mantidas na ignorância, chamando-lhe falaciosamente inocência? Os homens queixam-se, e com razão, das folias e caprichos do nosso sexo, quando não satirizam intensamente as nossas paixões obstinadas e os nossos vícios abjetos. Vede, deveria eu responder, o efeito

natural da ignorância! A mente que não tem onde repousar, senão no preconceito, será sempre instável, e será destrutiva a força da corrente que nenhuma barreira trave. É dito às mulheres, desde a infância, e é-lhes ensinado pelo exemplo das mães que um escasso conhecimento da fraqueza humana, a que acertadamente chamamos astúcia, uma suavidade de disposição, uma *aparente* obediência e uma escrupulosa atenção a um tipo infantil de decoro lhes garantirão a proteção masculina; e que, se forem belas, tudo o resto será desnecessário durante pelo menos vinte anos das suas vidas.

É assim que Milton descreve a nossa frágil primeira mãe; embora, quando nos diz que as mulheres são formadas para a suavidade e para a doce e atraente graça, não compreendo o que quis afirmar. A não ser que, como o mais autêntico maometismo, nos quisesse privar de almas e insinuar que somos seres inteiramente feitos de uma graça doce e atraente, de uma obediência cega e dócil, destinadas a satisfazer os sentidos do homem, quando ele não for mais capaz de voar nas asas da contemplação.

Quão grosseiro é o insulto que nos fazem aqueles que nos aconselham a ser meros animais dóceis e domésticos! Por exemplo, a cativante candura que tão suave e frequentemente nos é recomendada e que governa pela obediência. Que infantil a frase, e quão insignificante o ser — poderá ser dotado de uma alma imortal? — que concede governar por meios tão sinistros! «É certo», diz Lorde Bacon, «que o homem é, pelo corpo, igual aos animais; mas, se não puder ser igual a Deus pelo espírito, será uma criatura vil e ignóbil!». Parece-me que

os homens agem realmente de um modo muito pouco filosófico quando tentam assegurar o bom comportamento das mulheres procurando mantê-las sempre num estado infantil. Rousseau foi mais consistente ao querer travar o progresso da razão em ambos os sexos, pois, se os homens comerem o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, as mulheres não deixarão de o provar; mas, devido ao cultivo imperfeito que a sua razão agora recebe, elas não atingem senão a ciência do mal.

Admito que as crianças deveriam ser inocentes; mas, quando o epíteto é aplicado a homens ou mulheres, não passa de um eufemismo para a fraqueza. Ora, se admitirmos que as mulheres foram fadadas pela Providência à aquisição de virtudes humanas e pelo exercício da razão à aquisição da estabilidade de caráter que é o mais firme alicerce das nossas esperanças futuras, deve ser-lhes permitido aceder à fonte de toda a luz, em vez de serem forçadas a traçar o seu caminho à luz fraca de um satélite. É certo que Milton era de uma opinião muito diferente, pois limita-se a ceder ao direito inalienável da beleza, embora seja difícil encontrar consistência nas duas passagens que em seguida contraste. Mas a tais inconsistências são os grandes homens, muitas vezes, levados pelos seus sentidos.

Ao que Eva com *beleza perfeita* adornou.
Meu autor e juiz, o que decretas
Sem objeção acato; Deus tal manda,
Deus é a tua lei, tu, a minha: nada mais conhecer
É o mais feliz conhecimento da mulher e o seu
mérito.

Estes são exatamente os mesmos argumentos que já usei com crianças, mas com elas acrescentei: «a tua razão está agora a ganhar força e, até ela atingir um grau de maturidade, deves pedir-me conselho a mim; mas depois, deves *pensar*, e depender apenas de Deus.» [...]

Considerando, então, o comportamento das mulheres, ponhamos de parte os argumentos sensualistas e ponderemos o que deveríamos tentar fazer para as levar a cooperar (se a expressão não for demasiado forte) com o Ser supremo.

Entendo por educação individual (embora o sentido do termo não se encontre precisamente definido) a atenção a uma criança que lentamente aguça os sentidos, forma o temperamento, regula as paixões quando começam a fermentar e põe o entendimento a funcionar antes de o corpo atingir a maturidade; para que ao homem seja apenas necessário prosseguir, e não iniciar, a importante tarefa de aprender a pensar e a raciocinar.

Para evitar qualquer equívoco, devo acrescentar que não acredito que a educação privada possa fazer os milagres que alguns autores mais entusiastas lhe têm atribuído. Os homens e as mulheres devem ser educados, em grande medida, pelas opiniões e pelos modos da sociedade em que vivem. Em cada era tem sempre havido uma torrente de opinião popular que tem arrastado tudo consigo e atribuído a cada século um ar de família, por assim dizer. Pode então inferir-se com justiça que, até que a constituição da sociedade seja alterada, não se pode esperar muito da educação. Contudo, é suficiente para o meu presente propósito afirmar que,

independentemente da influência das circunstâncias sobre as capacidades, todos os seres se podem tornar virtuosos pelo exercício da sua razão. Pois se apenas um ser tiver sido criado com viciosas inclinações, e o considerarmos positivamente mau, o que nos pode salvar do ateísmo? E, se adorarmos então um Deus, não será esse Deus um demónio?

Portanto, até a mais perfeita educação, no meu entender, consiste num exercício da razão calculado o melhor possível para fortalecer o corpo e formar o coração. Ou, por outras palavras, para permitir ao indivíduo adquirir hábitos de virtude que lhe permitam ser independente. Na verdade, não passa de uma farsa chamar virtuoso a qualquer ser cuja virtude não resulte do exercício da sua própria razão. Era esta a opinião de Rousseau em relação aos homens; eu estendo-a às mulheres e afirmo com confiança que têm sido afastadas da sua esfera por falsos requintes, e não pela tentativa de adquirir qualidades masculinas. Contudo, tão inebriante é a régia homenagem que recebem que, enquanto os costumes do tempo não mudarem e assentarem em princípios mais razoáveis, pode ser impossível persuadi-las de que seja uma maldição o poder ilegítimo que obtêm ao degradar-se desta forma e que devem regressar à natureza e à igualdade, se desejam possuir a plácida satisfação que é conferida pelos afetos simples. Mas teremos de esperar por esta era — esperar, talvez, até que reis e nobres, esclarecidos pela razão e preferindo a dignidade verdadeira do homem ao estado infantil, se libertem dos seus adornos vistosos. Se, nesse momento, as mulheres não abdicarem do arbitrário

poder da beleza, terão provado dispor de *menos* inteligência que o homem.

Posso ser acusada de arrogância, mas devo declarar aquilo em que acredito firmemente: que todos os autores que até agora escreveram acerca da educação e do comportamento das mulheres, de Rousseau ao Dr. Gregory, têm contribuído para tornar o caráter das mulheres mais artificial e fraco do que de outro modo seria, transformando-as, por isso, em membros mais inúteis da sociedade. Poderia ter expressado esta opinião mais discretamente, mas teria sido um gemido afetado, e não a expressão fiel dos meus sentimentos e do resultado claro a que a experiência e a reflexão me conduziram. Quando chegarmos a esse tema, irei advertir para as passagens que mais desaprovo, nas obras dos autores a que me referi. Mas antes de mais devo indicar que a minha objeção se aplica à própria intenção dessas obras, que tendem, na minha opinião, a degradar metade da espécie humana e a tornar as mulheres agradáveis, à custa de todas as virtudes sólidas.

Contudo, para argumentar na posição de Rousseau, se o homem atingisse um grau de perfeição racional ao atingir a maturidade física, poderia ser adequado, para que marido e mulher fossem *um só*, que ela dependesse inteiramente do entendimento do homem; assim, a graciosa hera, prendendo-se ao carvalho que a suporta, formaria uma unidade em que a força e a beleza seriam igualmente conspícuas. Infelizmente, contudo, os maridos e as suas companheiras não passam, muitas vezes, de crianças crescidas; na verdade, graças a uma precoce depravação, mal chegam a parecer homens — e, quando

são os cegos a conduzir os cegos, não é preciso vir um emissário dos céus para nos dizer quais serão as consequências.

São muitas as causas que, no estado corrupto em que se encontra a sociedade, contribuem para escravizar a mulher, atrofiando o seu entendimento e aguçando os seus sentidos. Uma que talvez cause subtilmente mais dano do que todas as outras é o seu desprezo pela ordem.

Fazer tudo de forma ordeira é um preceito da maior importância, que as mulheres, tendo recebido uma educação pouco mais do que desordenada, geralmente não seguem com o mesmo grau de exatidão que os homens, tendo sido desde a mais tenra infância treinados com método. Este tipo de negligente adivinhação (pois que outro epíteto podemos usar para referir as arbitrarias diligências de uma espécie de senso comum instintivo, que nunca é elevado ao teste da razão?) impede-as de fazer generalizações a partir de factos; assim, fazem hoje o mesmo que fizeram ontem, apenas por o terem feito no dia anterior.

Este desprezo pelo entendimento desde tão cedo, na vida, tem consequências mais danosas do que comumente se supõe, pois o escasso conhecimento que adquirem as mulheres dotadas de uma forte inteligência é, devido a várias circunstâncias, mais incoerente do que o conhecimento adquirido pelos homens, tendo mais origem na mera observação da vida real do que na comparação entre as observações individuais e os resultados da experiência generalizados pela especulação. Quando são levadas pela sua situação dependente e pelo trabalho doméstico a participar mais na sociedade,

aquilo que aprendem é por vislumbres. E, visto que, para elas, a aprendizagem é sempre secundária, nunca se dedicam a qualquer ramo do conhecimento com o ardor de perseverança que é necessário para dar vigor às faculdades e clareza ao juízo. No estado em que se encontra a nossa sociedade, é exigido um mínimo de aprendizagem para sustentar a integridade de um cavalheiro; e os rapazes são obrigados a submeter-se a alguns anos de disciplina. Contudo, na educação das mulheres, o cultivo do entendimento é sempre subordinado à aquisição de algum mérito físico. Sendo debilitado pelo confinamento e por falsas noções de modéstia, o corpo é impedido de atingir a graça e a beleza que os membros relaxados e malformados nunca exibem. Para além disso, as suas faculdades nunca são estimuladas, na juventude, pelo exemplo; e, privadas de estudo científico sério, qualquer sagacidade natural que possuam se aplica precocemente à vida e aos costumes. Dedicam-se aos efeitos e às modificações, sem buscar as causas que lhes estão na origem; e regras complicadas para ajustar comportamentos são um triste substituto para princípios simples.

Como prova de que tal educação confere às mulheres este aspeto de fraqueza, podemos apresentar o exemplo dos militares, que são, tal como elas, enviados para o mundo sem que as suas mentes tenham sido providas de conhecimento ou fortificadas por princípios. As consequências são semelhantes: os soldados adquirem um conhecimento escasso e superficial, que arrancam a uma lamacenta corrente de conversa, e, frequentando continuamente a sociedade, conseguem aquilo a que

se chama conhecer o mundo; e esta familiaridade com modos e costumes tem muitas vezes sido confundida com um conhecimento do coração humano. Mas merecerá essa distinção o fruto grosseiro de uma observação casual, que nunca é elevado ao teste da faculdade de julgar, formado pela comparação entre a especulação e a experiência? Tal como as mulheres, os soldados dedicam-se com uma polidez meticulosa às virtudes menores. Onde se encontra, então, a diferença sexual, sendo a educação a mesma? A única diferença que consigo inferir advém da vantagem superior da liberdade, que permite aos soldados ver mais da vida.

Talvez me desvie do tema se fizer um comentário político, mas, como foi produzido naturalmente pelo curso das minhas reflexões, não deixarei de o fazer.

Milícias nunca poderão ser compostas por homens decididos e robustos; podem ser máquinas bem disciplinadas, mas raramente incluirão homens de fortes paixões ou vigorosas faculdades. E, quanto à profundidade do entendimento, atrevo-me a afirmar que se encontra tão raramente em exércitos como entre mulheres; e afirmo ser a causa a mesma. Podemos ainda observar que os oficiais prestam também particular atenção à sua pessoa e cultivam o mesmo gosto por bailes, salões cheios, aventuras e ridículo. Tal como o *belo* sexo, o emprego das suas vidas é a galantaria. Foram ensinados a agradar e vivem para agradar. Mas não perdem o posto na distinção dos sexos, pois ainda são considerados superiores às mulheres, embora seja difícil descobrir em que consistirá a sua superioridade, senão no que acabei de indicar.

O grande infortúnio é que ambos adquirem os modos antes da moral e um conhecimento da vida antes de conhecerem, pela reflexão, o esboço do grande ideal da natureza humana. A consequência é natural: satisfeitos com a natureza comum, são presas fáceis de preconceitos; e, formando todas as suas opiniões com base na crença, submetem-se cegamente à autoridade. Assim sendo, qualquer bom senso que tenham será uma espécie de vislumbre instintivo, que capta proporções e consegue formular juízos sobre modos, mas que falha quando os argumentos vão além da superfície ou as opiniões são analisadas.

Não poderão estes comentários aplicar-se às mulheres? Não, podem ser até ampliados, no caso delas, pois tanto os soldados como as mulheres são arredados de uma função útil pelas distinções contranatura estabelecidas na vida civilizada. A riqueza e as honrarias fizeram das mulheres o zero a partir do qual ganha sentido qualquer sequência numérica; e o ócio produziu uma mistura de galantaria e despotismo na sociedade, que faz que os mesmos homens que são escravos das suas amantes se tornem tiranos das suas irmãs, mulheres e filhas. É verdade que se trata apenas de manter a hierarquia. Se a inteligência feminina for fortalecida pela ampliação, a obediência cega chegará ao fim. Mas, como a obediência cega é sempre desejada pelo poder, os tiranos e os sensualistas têm razão quando tentam manter as mulheres nas trevas, pois os primeiros querem escravas, e os segundos, brinquedos. O sensualista tem sido, aliás, o mais perigoso dos tiranos, e as mulheres têm sido enganadas pelos seus amantes, tal como

os príncipes pelos seus ministros, mesmo enquanto vivem na ilusão de reinar sobre eles.

Refiro-me agora sobretudo a Rousseau, pois a sua personagem Sofia é, sem dúvida, cativante, embora me pareça francamente antinatural. Mas o que desejo contestar não é a superestrutura, mas o alicerce do seu carácter, os princípios em que foi erigida a sua educação. Por mais que admire o génio do capaz escritor, cujas opiniões citarei diversas vezes, a indignação toma sempre o lugar da admiração, e o severo olhar da virtude insultada apaga o sorriso da complacência, que as suas eloquentes frases tantas vezes inspiram quando leio seus voluptuosos devaneios. Será este o homem que, no seu ardor pela virtude, propõe banir todas as artes da paz e fazer-nos regredir a uma disciplina quase espartana? Será este o homem que se compraz em retratar as úteis pelejas da paixão, os triunfos das boas disposições e os heroicos transportes que levam a alma a transcender-se? Quanto não se degradam estes elevados sentimentos, quando ele descreve os bonitos pés e os ares sedutores da sua pequena favorita! Mas, por enquanto, não levantarei a discussão e, em vez de repreender as efémeras expressões de uma sensibilidade arrogante, limitar-me-ei a observar que qualquer pessoa que tenha lançado sobre a sociedade um olhar benevolente deve muitas vezes ter-se sentido gratificada por ver amores recíprocos e humildes, sem serem dignificados pelo sentimento ou fortalecidos pela união de inquirições intelectuais. As trivialidades domésticas do dia são matéria de animada conversa, e cândidas carícias suavizam trabalhos que não exigem grandes

esforços mentais ou investimentos de inteligência. Mas não terá a visão desta felicidade moderada inspirado mais ternura do que respeito? Uma emoção semelhante à que sentimos quando vemos crianças a jogar ou animais a brincar, enquanto a contemplação do nobre combate do sofrido mérito inspira a admiração e eleva os nossos pensamentos até ao mundo onde a sensação dá lugar à razão.

As mulheres devem, portanto, ser consideradas ou seres morais ou seres tão débeis que deverão ser totalmente sujeitos às superiores faculdades dos homens.

Examinemos esta questão. Rousseau declara que uma mulher nunca deve, por um momento que seja, sentir-se independente, que deve ser governada pelo medo de modo a exercer a sua astúcia *natural* e ser transformada numa escrava coquete para ser um objeto de desejo mais apetecível, uma companheira mais *doce* para o homem, sempre que ele se quiser descontrair. Desenvolve ainda mais estes argumentos (que afirma serem oriundos de indicações da natureza) e insinua que a verdade e a coragem, alicerces de toda a virtude humana, devem ser cultivadas com certas restrições, pois, no que respeita ao carácter da mulher, a obediência é a grande lição a ser transmitida com incessante rigor.

Que disparate! Quando veremos a chegada de um grande homem, dotado de inteligência suficiente para dispersar a névoa com que o orgulho e a sensualidade encobriram este tema? Se as mulheres forem naturalmente inferiores aos homens, as suas virtudes devem ser as mesmas em qualidade, se não mesmo em grau, ou então a virtude tornar-se-á uma ideia relativa. Assim

sendo, a sua conduta deve assentar nos mesmos princípios e ter o mesmo objetivo.

Ligadas ao homem enquanto filhas, esposas e mães, o seu caráter moral pode ser avaliado pelo modo como cumprem esses deveres simples; mas a finalidade, a nobre finalidade dos seus esforços, deveria ser o desenvolvimento das suas próprias faculdades e a aquisição da dignidade que tem a virtude consciente. Podem tentar tornar agradável o seu caminho, mas nunca deverão esquecer, tal como o homem, que a vida não traz uma felicidade capaz de satisfazer a alma imortal. Não pretendo insinuar que qualquer dos sexos deva perder-se em reflexões abstratas e propósitos distantes ao ponto de esquecer os afetos e deveres que têm perante si e que constituem, na verdade, os meios que nos são dados para produzir o fruto da vida. Pelo contrário, recomendo vivamente esses afetos e deveres, embora afirme também que trazem maior satisfação quando são considerados à sua luz natural e sóbria.

A opinião que é provavelmente a mais comum, de que a mulher foi criada a partir do homem, pode ter origem na poética história de Moisés. Contudo, como poucos (supomos) são aqueles que, tendo ponderado o assunto seriamente, alguma vez consideram que Eva tivesse sido literalmente uma costela de Adão, a dedução deve ser abandonada. Ou devemos admiti-la apenas no sentido em que comprova que o homem tem, desde a mais remota Antiguidade, achado por bem subjugar a sua companheira, inventando a ideia de que ela deveria baixar a cabeça ao jugo, visto que toda a criação haveria sido criada para conveniência e prazer dele.

- | | | |
|---|------------------------|--|
| 1 | Robert Louis Stevenson | <i>Uma Apologia do Ócio</i> |
| 2 | Virginia Woolf | <i>Um Quarto só Seu</i> |
| 3 | Sun Tzu | <i>A Arte da Guerra</i> |
| 4 | Mary Wollstonecraft | <i>Uma Vindicação dos Direitos da Mulher</i> |

Ao longo da História, alguns livros tiveram o condão de mudar o mundo. Transformaram a forma como nos entendemos e nos relacionamos. Provocaram debates, ruturas, guerras e revoluções. Esclareceram, chocaram, provocaram e confortaram. Engrandeceram — e destruíram — vidas. Nesta coleção, damos a conhecer o trabalho dos grandes pensadores, pioneiros, radicais e visionários cujas ideias abalaram a civilização e ajudaram a trilhar o caminho que percorremos até aqui.

Esta fervorosa declaração de independência feminina deitou por terra o estereótipo da mulher dócil e ornamental, antecipou uma nova era de igualdade, e cimentou o papel de Mary Wollstonecraft enquanto fundadora do feminismo moderno.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-907-0



9 789895 839070